

INFORMAÇÃO EM MEDICINA DAS VIAGENS: TER OU NÃO TER, EIS A QUESTÃO

JORGE SEIXAS
ROSA TEODÓSIO
JORGE ATOUGUIA

Unidade de Ensino e Investigação de Clínicas das Doenças Tropicais. Instituto de Higiene e Medicina Tropical – Universidade Nova de Lisboa. *E-mail*: JSeixas@ihmt.unl.pt (Jorge Seixas).

Nas últimas quatro décadas, o número de viajantes em todo o mundo aumentou dramaticamente, coincidindo com a introdução do Boeing 747 na aviação civil em 1970, um marco importante para o turismo de massa. Estima-se atualmente que mais de 900 milhões de indivíduos cruzem fronteiras internacionais anualmente, um número que cresce cerca de 6 % por ano. Este aumento no volume de viajantes internacionais constituiu um grande impulso para o desenvolvimento da Medicina das Viagens como especialidade médica nos últimos 30 anos.

A Medicina das Viagens e a Medicina Tropical são duas componentes importantes da Medicina Geográfica, uma área do conhecimento médico antiga: já nos séculos V-IV a.C. se conheciam e estudavam as diferenças na prevalência e incidência de malária entre os indivíduos vivendo a baixa ou alta altitude. Visa, em termos gerais, estudar o impacto das condições geográficas e ambientais na saúde humana. Em termos individuais, a Medicina Geográfica incorpora dados como a incidência geográfica das doenças e a estimativa do risco temporal de exposição no diagnóstico diferencial da situação clínica de um doente, de forma a aumentar a sua abrangência e precisão. Esta integração de dados geográficos no conhecimento da apresentação clínica das doenças é igualmente utilizada na Medicina das Viagens e na Infeciologia/Medicina Tropical para o aconselhamento de medidas profiláticas e na resolução de problemas clínicos que possam surgir durante ou após a viagem.

A Medicina das Viagens é uma área de conhecimento médico interdisciplinar em constante modificação. A sua complexidade é crescente, associada a mudanças dinâmicas na epidemiologia global das doenças infecciosas e no padrão de resistências medicamentosas dos microrganismos, ao aumento no número de viajantes portadores de patologias crónicas e à crescente duração, diversidade e complexidade dos itinerários e atividades dos viajantes. De forma a atingir cabalmente os objetivos da Medicina das Viagens (manter o viajante saudável, diagnosticar

e tratar patologias adquiridas durante a viagem e proteger a saúde pública), o profissional que a pratica necessita constantemente de informação atualizada sobre o risco de aquisição de doenças infecciosas, de mudanças no padrão destas doenças (surto de doenças “de novo” ou re-emergência em áreas previamente sob controlo), de riscos de outros eventos/acidentes não infecciosos (incidentes e catástrofes geoclimáticas, instabilidade sociopolítica, insegurança e violência), de mudanças no padrão de sensibilidade dos microrganismos (resistência aos anti-maláricos e aos antibióticos usados, por exemplo, no tratamento da diarreia do viajante e das infeções transmitidas sexualmente) e de avanços nas medidas preventivas (novas vacinas e novos medicamentos usados na profilaxia). É adicionalmente importante que o profissional esteja atualizado sobre regulamentos nacionais e internacionais aplicáveis ao viajante.

Ainda que alguma desta informação esteja disponível em publicações sobre Medicina das Viagens, entre as quais as mais utilizadas são o *International Travel and Health*, da Organização Mundial da Saúde (conhecido como “livro azul da OMS”) e o *Health Information for International Travel* (conhecido como “livro amarelo da OMS”), do *Centers for Disease Control*, nos EUA, estas fontes são perigosamente “estáticas”, uma vez que a sua atualização ocorre, na melhor das hipóteses, de dois em dois anos. O mesmo comentário aplica-se aos vários e excelentes livros de texto sobre Medicina das Viagens existentes. A expectativa realista em relação a estas publicações é que possam servir como uma base para avaliação dos riscos infecciosos, recomendações e regulamentos aplicáveis a cada país, bem como para aquisição de conhecimentos teóricos em Medicina das Viagens. Em geral, serão, no entanto, suficientes para que um clínico geral ou um não-especialista possam aconselhar um viajante saudável que se desloca para um destino de baixo risco, usufruindo das atividades turísticas usuais. A utilização exclusiva destas fontes de informação face a um viajante mais complexo ficará potencialmente associada a

uma sobre ou subvalorização do risco de exposição às doenças infecciosas, com utilização desnecessária de medidas profiláticas, dispêndio financeiro e potenciais efeitos adversos, ou à aquisição de doenças, com graus de morbidade e mortalidade variáveis e associados a um custo financeiro potencialmente catastrófico.

No que toca às patologias adquiridas na viagem, com manifestações clínicas durante a deslocação ou após o regresso, o problema centra-se na qualidade do seu manuseio clínico. Durante a viagem, principalmente, mas não exclusivamente, para destinos exóticos, é frequente a insuficiência ou mesmo inexistência de recursos médicos adequados ao seu diagnóstico e/ou tratamento corretos. De regresso ao país de origem, o problema coloca-se em termos do desconhecimento médico das patologias potencialmente envolvidas, o que causa com frequência referência tardia para o especialista em Infeciologia ou Medicina Tropical. Todos os anos, morrem desnecessariamente indivíduos com malária no chamado “mundo desenvolvido”; periodicamente são vistos doentes com consequências genito-urinárias irreversíveis duma schistosomose diagnosticada demasiado tarde. Grande parte dos profissionais que praticam Medicina das Viagens efetua apenas a componente de aconselhamento, deixando o manuseio dos viajantes que adoecem para os especialistas em Infeciologia ou Medicina Tropical; devem, no entanto, estar capacitados para reconhecer e tratar ou triar as principais síndromes no viajante que regressa.

Cada destino tem características próprias. Cada viajante e cada viagem são únicos. Para fazer face a esta complexidade e variabilidade, o profissional que quer praticar uma Medicina das Viagens de

qualidade necessita de fontes de informação que possam corresponder, em termos de rapidez de transmissão da informação epidemiológica global e da sua qualidade, às exigências do desafio colocado pelo binómio viajante/viagem. A importância da investigação e partilha de informação científica nesta área pode ser avaliada pela existência de duas revistas científicas a ela dedicadas: o *The Journal of Travel Medicine*, cuja publicação se iniciou em 1994, e o *Travel Medicine and Infectious Diseases*, lançado em 2003.

Ser capaz de aceder e usar convenientemente as múltiplas fontes de informação disponíveis em Medicina das Viagens é um aspeto importante da prática de Medicina das Viagens. O grande desenvolvimento das tecnologias informáticas veio trazer instrumentos poderosos e superiores em termos de rapidez na transmissão de informação aos livros de texto, artigos em revistas científicas, correio, fax, ou telex, uma vez que permitem atualização contínua da informação.

Os instrumentos informáticos destinados a profissionais de saúde incluem programas disponíveis em versão *off-line*, *on-line* ou *web-based*. As principais estão listadas na Tabela 1. Estes programas são úteis tanto no aconselhamento pré-viagem como pós-viagem. A sua estrutura interativa permite, face a um determinado binómio viajante/viagem, avaliar com rapidez os diversos riscos infecciosos ou não, escolher medidas profiláticas adequadas (medicamentos e vacinas), fornecer informações sobre disponibilidade de cuidados médicos no local de destino, podendo, se necessário, constituir um auxílio valioso ao diagnóstico de patologias adquiridas durante a viagem e seu manuseio. O resultado da pesquisa efetuada pelo profissional pode geralmente ser impressa e fornecida ao viajante.

Tabela 1

Principais programas para profissionais de saúde em Medicina das Viagens.

Designação comercial	País de origem
<i>TRAVAX</i>	EUA / Reino Unido
<i>MASTA</i>	Reino Unido
<i>Tropimed</i>	Suíça
<i>Edisan</i>	França
<i>Exodus</i>	Irlanda

São numerosos os sítios eletrónicos que disponibilizam, sem custos, acesso a bases de dados, abertas ao público em geral, mas que podem fornecer informação valiosa ao profissional. Os sítios eletrónicos da OMS (*International Travel*

and Health) e do *Centers for Disease Control (CDC, EUA) (Travelers' Health)* são considerados como referência mundial e emitem diretrizes e normas internacionalmente aceites. Neles, as informações relativas a eventos globais são

verificadas, interpretadas para o clínico e mantidas atualizadas.

São dignas de nota as diferenças que se podem obter nas recomendações dos dois sítios eletrónicos para um mesmo destino, que refletem, no fundo, os diferentes contextos médicos, experiências e responsabilidades dos dois organismos emissores. De facto, muitas das diretrizes em Medicina das Viagens são ainda fruto da opinião de especialistas no campo da Medicina das Viagens/Infeciologia/Medicina Tropical, e não da Medicina Baseada na Evidência, ainda que seja consensual que no futuro as recomendações devam seguir esta última tendência. Neste sentido, o sítio *Safe Travel* reflete a opinião de um comité de especialistas suíços em Medicina das Viagens, com recomendações que são aceites também no sul da Alemanha e Áustria, fruto da evidência obtida a partir de um número de viajantes e variedades de destinos muito significativos a nível mundial; fornece uma lista atualizada de eventos globais,

cujo impacto nos viajantes é comentado. O sítio francês *Santé Voyages* fornece, por sua vez, informação muito completa para cada destino, mapas detalhados do risco de malária para cada país e acesso a uma *newsletter* para médicos que cobre e atualiza múltiplas áreas de interesse em Medicina das Viagens (Tabela 2). No sítio *Fit for Travel*, a informação disponibilizada é compilada por um grupo e especialistas da Divisão de Medicina das Viagens do Serviço de Proteção da Saúde da Escócia (<http://www.hps.scot.nhs.uk/>). Além das recomendações para os viajantes, podem ser encontradas informações completas sobre o panorama de eventos importados e diretrizes face a doenças infecciosas no Reino Unido. Diante dum determinado binómio viajante/viagem, o profissional deverá eventualmente tomar as suas decisões após consulta a pelo menos dois destes sítios.

Tabela 2

Alguns sítios eletrónicos de Medicina das Viagens abertos ao público em geral.

Designação	Endereço
International travel and health	http://www.who.int/ith/en/
Travelers' Health	http://wwwnc.cdc.gov/travel/
Safe Travel	http://www.safetravel.ch
Santé Voyages	http://www.astrium.com/
Fit For Travel	http://www.fitfortravel.nhs.uk

Uma outra possibilidade para o profissional se manter atualizado sobre a emergência de surtos e modificações no padrão epidemiológico das doenças será consultar sítios eletrónicos que forneçam informação epidemiológica atualizada e fidedigna.

No seu sítio *Global Alert and Response* (<http://www.who.int/csr/en/>), a OMS disponibiliza informação oficial e confirmada sobre surtos à escala global; a informação é certamente fidedigna, mas o facto de ter que ser confirmada torna a sua disseminação eventualmente mais lenta.

Já o *Program for Monitoring Emerging Diseases* (ProMED), da *International Society for Infectious Diseases*, é um sistema baseado na *internet* para disseminação rápida e global de informação sobre surtos infecciosos e exposição aguda a toxinas que afetam a saúde humana (<http://www.promedmail.org/>). Os relatos são distribuídos por correio eletrónico diretamente aos cerca de 60000 subscritores da lista, em 185 países. Esta lista é moderada por um coordenador que

alerta, quando necessário, para o carácter não-definitivo da informação disponibilizada. Tem a vantagem de existir em português, o que permite obter informações em primeira mão no espaço lusófono.

Um bom exemplo da complexidade global dos surtos de doenças, e de como este problema pode ser inovadoramente abordado, é dado pelo projeto *HealthMap*. Desenvolvido pelo *Boston Children's Hospital* desde 2006, disponibiliza dados de vigilância em tempo real sobre ameaças emergentes à saúde pública, utilizando um vasto leque de fontes de informações, incluindo agregadores de notícias *online*, relatos de testemunhas oculares, debates de especialistas e relatórios oficiais validados. Através de um processo automatizado que funciona em permanência, o sistema monitoriza, organiza, integra, filtra, visualiza e dissemina informação *online* sobre doenças emergentes em nove línguas, de forma a facilitar a deteção de ameaças à saúde pública global (<http://www.healthmap.org/>).

No que toca à prática de Medicina das Viagens e, em particular, ao manuseio dos doentes que adquirem patologias durante a viagem, duas redes têm vindo a desenvolver atividades significativas no espaço europeu. O seu conhecimento por parte do profissional que quer desenvolver uma prática de Medicina das Viagens consistente é importante.

A *European Travel Medicine Network* (EuroTravNet), fundada em 2008 com o apoio do *European Centre for Disease Prevention and Control* (ECDC), visa estabelecer uma rede de profissionais especialistas em Medicina das Viagens e Medicina Tropical para fornecer apoio à deteção, verificação, avaliação e comunicação de doenças transmissíveis associadas às viagens, de maneira a contribuir para a identificação e manuseio das infeções importadas (<http://www.istm.org/eurotravnet/main.html>). Os membros fundadores desta rede pertencem ao *GeoSentinel Global Surveillance Network* (GeoSentinel), uma rede mundial de colheita de dados para vigilância de morbilidade associada às viagens; trata-se de uma rede mundial de clínicas de Medicina das Viagens e Medicina Tropical, iniciada em 1995 pela *International Society of Travel Medicine* (ISTM) e pelo CDC.

A rede *European Network for Tropical Medicine and Travel Health* (TropNet) foi inicialmente estabelecida em 1999 para vigilância epidemiológica de doenças infecciosas importadas para a Europa. Trata-se da maior rede europeia de Medicina Tropical e Medicina das Viagens, congregando 68 centros especializados. Em 2010, a rede foi reestruturada e os seus objetivos revistos, de forma a não duplicar os esforços desenvolvidos pela rede *EuroTravNet*. A ênfase deixou, portanto, de ser na vigilância epidemiológica rotineira e passou a ser em eventos fora do padrão habitual, bem como no manuseio de casos incomuns e complexos de patologias associadas às viagens. Os seus objetivos atuais incluem a constituição de uma plataforma de investigação colaborativa, de forma a obter diretrizes consensuais europeias baseadas na evidência, no contexto do ensino e treino em Medicina Tropical e Medicina das Viagens (<http://www.tropnet.net/>).

Tanto a *EuroTravNet* como a *TropNet* constituem fóruns de discussão especializada sobre Medicina das Viagens, dos quais se espera que venham a emergir evidências científicas que deverão permitir avanços importantes nesta área. Ainda que a inclusão nestas redes seja por convite, os seus sítios eletrónicos apresentam partes abertas ao público que disponibilizam informação valiosa sobre vigilância epidemiológica, investigação,

prática clínica e atividades de formação, com ênfase na visão e aproximação europeias da Medicina das Viagens e da Medicina Tropical.

Portugal, país com cada vez mais viajantes para regiões tropicais, tem vindo a perder alguma da experiência na identificação e manuseamento clínico de doentes com patologias importadas. Estamos neste momento a implementar a criação da “Rede de Doenças Tropicais em Português” (ReDTrop), destinada àqueles que desejam interagir regularmente com os problemas relacionados com a Medicina Tropical e Saúde dos migrantes/viajantes no espaço lusófono, de forma a disseminar informação sobre as doenças infecciosas importadas, mantendo uma rede colaborativa entre profissionais que lidam com estas patologias. Será possível, assim, criar um consenso lusófono para o diagnóstico, terapêutica e medidas preventivas a serem adotadas/sugeridas nos viajantes/migrantes relativamente às doenças infecciosas, fornecendo as bases para estratégias de intervenção para prevenção e manuseio destas doenças, a serem implementadas pelas autoridades de Saúde Pública. Esta rede, funcionando sob a forma de lista de correio e moderada pelos médicos do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, será a forma mais eficaz de fornecer as bases para uma colaboração permanente entre os centros lusófonos e europeus que lidam com a Medicina das Viagens e Medicina Tropical.

Em Medicina das Viagens, o acesso à informação é crítico para que o profissional possa obter uma avaliação correta dos riscos. Graças às tecnologias informáticas, os viajantes têm também atualmente acesso a um volume importante de informação para um determinado destino/viagem. A consulta de aconselhamento transforma-se, assim, num diálogo, numa transmissão bidirecional de informação, com a qual os dois participantes aprendem. As experiências, boas e más, vividas pelo viajante e pelo profissional de saúde em viagens anteriores, formam também um corpo importante de conhecimento que moldam igualmente a perceção do risco.

Informação em Medicina das Viagens está frequentemente associada à má informação, pouca informação e, em muitos casos, à não informação. Existe uma dificuldade crescente na caracterização da sua qualidade, se correta ou incorreta, se aplicável a determinada situação, viajante ou viagem, sobretudo porque a quantidade de informação a que todos temos acesso é avassaladora. Existe ainda ou outro problema associado à qualidade de informação em Medicina do Viajante: a sua atualidade. Em nenhuma outra

especialidade médica é exigida a atualização permanente dos seus profissionais. As novas tecnologias são o grande apoio do profissional de Medicina do Viajante, mas também o grande risco para quem não souber avaliar, interpretar e aplicar corretamente a informação.

BIBLIOGRAFIA

BROWNSTEIN, J. S., FREIFELD, C. C., REIS, B. Y. & MANDL, K. D. (2008) – “Surveillance Sans Frontières: Internet-Based Emerging Infectious Disease Intelligence and the HealthMap Project”. *PLoS Medicine*, 5: e151.

HILL, D. R., ERICSSON, C. D., PEARSON, R. D., KEYSTONE, J. S., FREEDMAN, D. O., KOZARSKY, P. E., DUPONT, H. L., BIA, F. J., FISCHER, P. R. & RYAN, E. T. (2006) – “The Practice of Travel Medicine: Guidelines by the Infectious Diseases Society of America”. *Clin. Infect. Dis.*, 43: 1499–539.

KEYSTONE, J. S., KOZARSKY, P. E. & FREEDMAN, D. O. (2001) – “Internet and Computer-Based Resources for Travel Medicine Practitioners”. *Clin. Infect. Dis.*, 32: 757–765.

SCHLAGENHAUF, P., SANTOS-O’CONNOR, F. & PAROLA, P. (2010) – “The practice of travel medicine in Europe”. *Clin. Microbiol. Infect.*, 16: 203–208.